

## Transições. Na Evocação de João dos Santos

JOÃO GOMES-PEDRO

### Resumo

A partir de uma reflexão sobre transições culturais, o A. propôs-se recrear o seu trajecto pessoal, na senda do conhecimento sobre Desenvolvimento Humano.

Neste percurso, passa em revista os vários modelos que inspiraram atitudes e intervenções em função do bem-estar e da saúde da criança, nomeadamente mental.

Deste modo, transições científicas sobrepostas às transições de um percurso pessoal, dão oportunidade a uma dialéctica que o A transacciona com os seus parceiros leitores.

E dada como paradigma, num modelo de compreensão dinâmica do bebé, a avaliação neuro-comportamental de Brazelton que viabiliza o modo sensível de entender uma das mais significativas transições do ser humano que é o período do recém-nascido.

Num todo, propõe o A, um desafio intelectual que lhe é marcado por uma eterna insatisfação face às transições do progresso.

**Palavras-Chave:** Transições; desenvolvimento; B.N.B.A.S.

### Summary

#### In Memory of João dos Santos

Starting from a reflection on cultural transitions, the Author retraces his personal progress along the path of knowledge of Human Development.

Along this path, he revisits the models which inspired attitudes and interventions for the child's health and well-being, namely mental.

Thus, scientific transitions and personal transitions lead to a discussion which the Author shares with his readers.

As the paradigm of a model for the dynamic understanding of the baby, Brazelton's neuro-behavioural assessment allows a sensible understanding of one of the most significant transitions of the human being – the neonatal period.

As a whole, the Author proposes an intellectual challenge in the light of the eternal dissatisfaction with progress transitions.

**Key-Words:** Transitions; human development, B.N.B.A.S.

A temática das «Transições» em Pediatria é um desafio complexo que nos obriga, nomeadamente, a reflectir nas nossas próprias transições no percurso científico e profissional que, entretanto, percorremos.

São, porém, os exercícios intelectuais e morais complexos que nos dão o sabor de existência e até, porventura, o gosto de sobreviver, gosto esse, desejadamente partilhado quando, justamente, se evoca a figura de João dos Santos.

O fluxo que nos inspira e que nos vincula para além de tantos laços pessoais, provém de uma saudade que o tempo transformou em presença sublime.

João dos Santos, está connosco hoje e sempre e esta é a transição por excelência, na exemplaridade.

Todos nós temos a tentação de ser profetas, falando em nome de alguém que, para nós, é caminho e sentido. Alguns de nós, de facto, têm tido essa tentação de falar em nome de João dos Santos fantasiando, porventura, interpretações ou explicações tal como hoje pudessem ser feitas nessa transição recriada.

O movimento profético que fez entrar o pensamento ocidental no caminho da crença e da distinção, começou por altura de 750 a.c. e, durante séculos a fio terá inspirado muita da cultura que motiva, hoje, os nossos actos.

Os profetas hebraicos, amadores porque não sacerdotes, sentiam-se vocacionados para falar em nome de Deus. Quantos de nós não se sentem hoje profetas inspirados, quiçá na continuidade de ideários, pregando sermões em nome de outros na serena convicção de ser uma pretensão justa o fazer transitar a verdade sem longe e sem distância no objectivo de guiar concidadãos no caminho da luz, quiçá da Salvação?!

A história das culturas é uma história de vivências proféticas. Os profetas da história fantasiavam-se como discípulos de Alguém que os terá encarregado de transmitir a Sua verdade.

Todos os que dedicam muita da sua vida à descoberta do sentido do desenvolvimento humano terão ousado algumas vezes serem profetas de Platão, de Aristóteles, de Cristo, de Descartes, de Rousseau, de Heget, de Marx, de Freud, de Mounier.

Mais recentemente, alguns de nós ou outros que virão, ousarão ser profetas pregadores declaradamente inspirados por Brazelton, por Bronfenbrenner, por João dos Santos.

Sócrates, no último dia do seu julgamento, em Atenas (399 a.c.) pôs em causa, como porventura nunca mais ninguém o viria a fazer, a aventura profética.

Ele recordou, então, a crise da sua vida intelectual que Platão viria a registar magistralmente no Fédon.

Sócrates foi tentado a renegar o seu pensamento face à força da evidência que os físicos da época exuberantemente demonstravam, evidência essa identificada com o então proclamado «espírito de ordem» expresso pelo ar, pelo éter e pela água.

O desconforto de Sócrates era o de não encontrar o sentido daquela ordem. Sócrates escreveu então: *«tive de ter cuidado para não perder o olho da alma»...*

A transição na vida é um sucedâneo de transições proféticas.

Fui consultar Cândido de Figueiredo para reconfirmar o significado de transição.

*«Acto ou efeito de passar de um lugar para outro. Trajecto...*

*Passagem de um estado para outro».*

Várias vias poderão, assim, representar a fenomenologia da transição.

A transição representada pela passagem de uns estádios para outros na dinâmica do desenvolvimento no ciclo de vida.

A transição do sentido ou explicação da vida, nomeadamente do desenvolvimento do Homem em função dos pensadores, dos profetas e, porque não, dos clínicos, designadamente nós próprios.

A transição na nossa própria vida a partir da qual fomos «lendo» o sentido das várias «verdades» na fantasia de continuarmos a nossa própria «verdade».

Julgo que esta última opção reúne, de algum modo, os propósitos das três vias viabilizando a intervenção pessoal de uma vida na perseguição incessante do «olho da alma».

Tentarei resistir às tentações proféticas, às «leituras» entendidas como interpretações de outros para privilegiar, de algum modo, a minha própria apreciação do que é transição na vida, particularmente quando se é bebé ou criança, a minha própria «explicação» do que é fazer esse trajecto, fantasiando, porventura, sobre o modo como a

criança sente ser esse caminho, a minha própria «leitura» do que foram as minhas transições, na procura incessante da luz que fundamenta a minha vida como cultor do desenvolvimento, de uma Nova Pediatria e, quiçá, de um outro modo de ser Homem, para que, porventura de uma abusada maneira, tentar encontrar o caminho até Quem nos transcende.

Que me seja, então, permitido recriar o meu trajecto e, com ele, partilhar com os leitores as incertezas e as perplexidades que nos garantem a humildade sem a qual não há ciência, nem progresso, nem ética.

Que seja admitida uma premissa que explique ser a minha lógica, a nossa lógica um mero artefacto, feito de assimetrias e de incoerências, porventura por o nosso juízo crítico ser esse artefacto ou, tão só, ser um nada como Nietzsche ou Gide lhe chamaram.

Defino-me como um lutador, o «forcené» da luta camusiana, no pressuposto idealizado de que o exemplo a legar é o da coragem e perseverança, nessa luta por uma verdade que é preciso «impor» como lei na sociedade onde transaccionamos as nossas próprias transições.

Tenho tido várias lutas, públicas e privadas e, imagine-se o desprante implantado no meu sentido de coerência quando julgo que saio habitualmente vencedor dessas lutas. Provavelmente, confabulo as óbvias derrotas do quotidiano como episódios de transição em função das vitórias que o tempo e a distância se encarregam de guardar na nossa memória.

É extraordinário como a natureza nos aponta o essencial à custa de «filtros» providenciais que, sistematicamente, destilam aquele essencial por vezes indistinto entre o real e o imaginário.

Não consigo, por exemplo, recriar a representação que fui fazendo da cara da minha mãe deste bebé. Sei que ela terá sido primeiro geométrica e que, nessa geometria, tê-la-ei reconhecido entre centenas de outras figuras se, porventura, tivesse sido vítima, quando bebé, de algum ou de alguma estudiosa apressada angariante de uns tantos resultados para uma qualquer tese de Mestrado de uma (entre muitas) Faculdades de Psicologia deste pequeno país psicologicamente insano.

A representação da cara da minha mãe foi, decerto, sendo completada, nos primeiros tempos da minha vida com outros adicionais que lhe foram dando volume, forma, expressão, sentido, transcendência.

Para isso, terão contribuído os movimentos dos olhos da minha mãe, a mímica da sua face, a voz que saía da sua boca, as carícias das suas mãos nas minhas, quais prolongamentos da sua voz e do seu olhar, ou do próprio cheiro da sua pele.

Não me lembro de nenhuma destas transições que terão configurado progressivamente a representação da

cara da minha mãe ao ponto de, já adulto, na saudade da distância, ter sido capaz de recriar imagens de sintonia ou de desagrado na sua face identificadas com decisões que fui tomando.

Na Guiné, a muitas dezenas de milhares de quilómetros daquela face sonhada, perante alguns riscos eminentes, pude reconstruir algumas confirmações da força dum olhar provavelmente não muito diversas daquelas com que a minha mãe me incitava a descobrir, rastejando ou andando em passo incerto e de pernas escancaradas, o meu pequeno mundo próximo, não recapitulado, não relido.

Quando cantei a primeira cantiga acompanhada de um esboço de dança, ainda não tinha dois anos, não sei se o que guardo é tudo fruto do que me foi continuamente narrado ou se, no meio do imaginado, há ainda algo da memória porventura fantasiada pelos cambiantes dos narradores – a minha avó, o meu pai e, obviamente, a minha mãe.

Confabulo que os seixos de chão onde aquela dança aconteceu, serão fruto da memória, porquanto não me lembro das narrativas referirem o chão do pátio da nossa casa, algures nos sopés da Serra da Estrela. Provavelmente, porém, a imagem dos seixos de chão saibroso, terá sido recriada a partir de uma fotografia do pátio da nossa casa que, noutra transição, do meu ciclo de vida, pude visitar quando reparei, então, nela, em moldura própria na mesa da nossa sala, já noutra casa, noutro lugar.

Como é que cada criança, como é que cada um de nós, como é que eu fui fazendo o puzzle das imagens que inspiram hoje as emoções que são constructo de um desenvolvimento moral?

Como é que as transições da vida fundamentam o nosso sentido de vida que não nos deixa perder «o olho da alma» reparafraseando Sócrates.

Na transição das transições, a luta de cada um será o olho atento da alma que nos faculta os desafios que vamos esquecendo ou, porventura, recriando no nosso inconsciente habitado.

A minha personalidade de lutador faz-me ter conflitos quando estou em bichas do que quer que seja...

Lembro-me que aqui há anos armei um grande escândalo no aeroporto de Frankfurt quando uma senhora, de nacionalidade indefinida, se meteu à minha frente numa bicha para check-in.

Porém, uns anos depois, quando devido a bichas de trânsito cheguei em cima da hora a Heathrow para apanhar o avião que me levaria a ir jantar em Toronto com o meu filho no dia dos seus anos, ignorei a respectiva bicha de acesso ao hall dos voos e entrei de qualquer modo talvez um minuto antes do avião fechar as portas.

Os meus sentimentos e, com eles, a minha lógica, foram totalmente assimétricos na atitude perante situações que seriam certamente lidas uniformemente por qualquer observador ignorante dos respectivos estados de alma.

Direi que, em cada ciclo de vida as transições universais são diferencialmente temperadas pelos sucessivos estados de alma individuados, porventura só lógicos e significativos para cada um e cada qual. Serão assim as transições que vão acontecendo ao longo do nosso ciclo em cada um dos sucessivos ecossistemas que vamos habitando que dão sentido às nossas próprias transições percebidas como estádios evolutivos universais por qualquer estudioso ou aprendiz do desenvolvimento humano.

A transacção entre as minhas próprias transições e as transições que ocorreram em termos de conhecimento sobre o desenvolvimento infantil fazem, da história de uma vida, um eventual descritivo da evolução científica e educacional dos últimos trinta e cinco anos do milénio passado.

Em 1965, quando me formei, era total o vazio (teórico e prático) em Desenvolvimento Infantil. A Educação Médica que tive, só através de alguns lampejos de um ou outro Mestre me deu a perspectiva científica do desenvolvimento humano.

Nunca ninguém me falou em Rousseau, em Piaget ou em Bowlby.

Porém, devo à Providência a sorte de ter tido, desde as carteiras do liceu, amigos de todos os quadrantes vocacionais. Companheiros de estudo, foram os das Artes, das Filosofias, do Direito e das Técnicas e, obviamente, também os da Medicina. Contudo, naqueles períodos sensíveis da aprendizagem, fui descobrindo os clássicos enquanto praticava, noite fora, a dialéctica das ideias e dos conceitos.

Logo nos primórdios do curso médico, decidi vir a ser Pediatra. Despertei então, para tudo o que dizia respeito à criança, tanto em termos de Saúde, como de Educação.

Apercebi-me, então, terem sido os filósofos gregos os primeiros teóricos que se debruçaram sobre o Desenvolvimento Infantil. Eles entendiam, como supremo ideal, a coordenação harmoniosa do corpo e do espírito e, assim, Platão aconselhava as mães a manterem os seus bebés activos o que devia ser proporcionado desde as primeiras idades, através do seu embalamento rítmico, sobretudo na hora de adormecer.

A ideia de continuidade em desenvolvimento estava já pressuposta no seu juízo, porquanto considerava que aquelas intervenções de balanço poderiam ter um efeito apaziguador face a eventuais desadaptações comportamentais durante os estádios vindouros do desenvolvimento.

As transições históricas como expressão notória sobre o desenvolvimento infantil tiveram, aparentemente, um longo interregno pelo menos, de forma aparente, até ao Séc. XVIII. A Literatura e a Arte como que fizeram tábua rasa da criança durante séculos e séculos da existência humana.

Creio, todavia, que o aparente desinteresse dos escritores e dos artistas em tão dilatada transição da história deverá ser interpretado à luz de uma razão ecodemográfica.

A elevadíssima mortalidade infantil, de que ainda permanecem testemunhos em alguns locus africanos, influenciava as sociedades e, sobretudo, as mães, levando-as a não se prenderem demasiado à criança, no propósito de impedir sofrimentos de luto, face à prevalência da morte.

Por outro lado, o obscurantismo para com a criança, de certo modo, em paralelo com a subalternização da mulher pregada por alguns mentores discípulos dum Cristo que aprendi a reconhecer como o primeiro revolucionário responsável pela grande transição social da história.

Com efeito, na teologia cristá original, marido e mulher eram pressupostos como iguais e, nesse contexto, compartilhavam os mesmos direitos e os mesmos deveres, face aos filhos.

A mensagem de Cristo foi, entretanto, interpretada de outro modo, pelos seus seguidores.

S. Paulo na epístola aos Efesos reafirma a identidade da família mas evoca uma hierarquia no casal resumindo a relação conjugal a uma fórmula que gozou dos favores dos costumes até meados do Séc. XX: «*O Homem deve amar a sua mulher como Cristo amou a Igreja e a mulher deve conduzir-se como a Igreja para com Cristo*».

O papel da criança como pessoa e, conseqüentemente o seu lugar na família, sofreu, paralelamente, as mesmas distorções.

Enquanto Cristo proclamava a inocência das crianças, aconselhando mesmo os adultos a se parecerem com elas e conferindo-lhes até os lugares de honra na sua companhia – «*Deixai vir a mim as criancinhas*» – Santo Agostinho, por exemplo, impunha através da sua palavra o estigma do pecado original transposto a todos os atributos infantis nomeadamente reportados à Educação.

Pregava, assim, Santo Agostinho ao referir-se às crianças: «*Se lhes deixassem fazer todas as suas vontades, não haveria crime em que não se precipitassem*».

A minha transição de uma recém formatura teórica para um início de prática foi, assim, inspirado por uma ambivalência mediada por uma vocação inequívoca, porém recheada de desadequações formativas. Por um lado a distorção dos valores originais que eu, identificava como fé e, por outro, uma realidade clínica ausente de quaisquer referências em desenvolvimento e comportamento infantil.

Fiz o meu treino de pediatria num domínio educacional exclusivamente identificado com um modelo patológico.

Direi hoje que, felizmente, uma guerra colonial imposta obrigou-me a embalar, em baú de lata, uma pequena biblioteca que embarcaria depois comigo, em porão de navio de luxo, rumo à Guiné.

Não enconderei que, parte significativa da literatura compilada era de autores pós-freudianos (Anne Freud, Spitz, Melanie Klein e John Bowlby). No Portugal de então, estávamos em plena era de assimilação psicanalítica, na sequência de vários condicionalismos históricos e sociais que proporcionavam uma disponibilidade especial para essa corrente de interpretação do desenvolvimento humano.

A grande inquietação intelectual dos mentores do desenvolvimento humano de então correspondia ao paradigma darwiniano.

Na conceptualização da selecção natural de Darwin não era possível distinguir entre os estigmas que persistiam ao longo das gerações porque activamente adaptativos e os que se mantinham tão só, passivamente, porque inadaptáveis.

Por outro lado, o constructo de Darwin não viabilizou uma explicação para a diferença entre uma extinção gradual de espécies em função da herança de estigmas não adaptáveis e uma extinção acidental causada por um cataclismo ecológico.

No início dos anos 60, cresceu no mundo científico a convicção da extrema necessidade de dar relevo à infância humana e, de um modo especial, a de assumir de modo inequívoco que o bebé não era um mero receptor passivo de cuidados necessários à sua sobrevivência mas, outros sim, alguém competente, capaz de comunicar activamente e, até, influenciar significativamente as suas comunicações com os seus parceiros preferenciais.

Através das minhas leituras de guerra, pude constatar que a explosão científica que estava a ter lugar nos domínios do desenvolvimento infantil tinha tido alicerces fundamentais no Séc. XIX.

Creio ser necessário dar a devida ênfase a Jean Jacques Rousseau a quem tinha sido «apresentado» numa transição anterior da minha vida quando, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, me formei em Ciências Pedagógicas.

O interesse pela criança, manifestado nos escritos de Rousseau era inspirado por um constructo de base educacional na qual havia, assimilada, uma ideia de reforma social, porventura inspirada por uma dúvida, posteriormente assimilada como científica.

Na savana da Guiné, um Homem Grande (notável de uma tabanca ou seja aldeia local) contou-me uma história que se identifica bem com este legado do séc. XIX. Era assim a história.

Um certo rei pediu aos seus escribas para trazerem para o palácio real todos os livros do reino. Os volumes ocuparam mais de metade da área do palácio e, durante anos, o rei, segundo a lenda, consultou todos aqueles livros.

Ao fim de um rol de anos o rei chamou de novo os seus escribas e ordenou-lhes que resumissem todas aquelas obras num único volume. Depois de alguns protestos manifestamente inúteis face à ordem real, meteram mãos ao trabalho e, dez anos depois, trouxeram ao rei um volume de 600 páginas, no qual tinham sido destiladas, qual alquimia mágica, todas as verdades contadas na totalidade dos livros.

O rei leu a obra e logo depois chamou, novamente, à sala do trono os seus consultores e ordenou-lhes que resumissem todos os conteúdos daquele livro numa só página. Novos protestos, claramente infrutíferos e, entretanto, mais cinco anos de trabalho até ao seu regresso junto do rei. Tinha sido cumprida a ordem, mais uma vez. O rei leu aquela página e logo convocou os seus peritos com nova ordem inclusa. Era preciso reduzir tudo o que estava contido naquela página em uma só palavra.

Nova perplexidade, novos protestos e um mês depois nova missão cumprida.

O rei pegou na folha de papel trazida em bandeja de prata e leu então a palavra. A palavra era, imaginem, apenas isto: «*Provavelmente...*»

Viria a descobrir, ao longo do tempo, ser este «*Provavelmente*» o paradigma da minha atitude perante todas as transições científicas que o desenvolvimento humano tem proporcionado.

Outro facto, para mim relevante, ainda oriundo do séc. XIX foi a comunicação de John Fiske pronunciada em 1871 na Universidade de Harvard e que me foi dado conhecer quando do meu regresso de África.

O pensamento de Fiske poderá ser resumido do seguinte modo, o poder real do homem sobre os outros animais baseia-se na sua progressão para o progresso potenciada pela aquisições educacionais que o período prolongado da sua infância viabiliza.

Este favorecimento educacional, agora revisitado numa era pós-Rousseau, identificado com a transição das experiências precoces da infância não poderia ter melhor advogado que o pensamento psicanalítico.

Encarnado até então como ser social isolado, embora compelido por forças maturativas inquestionáveis, a criança passou a ser entendida, de facto, a partir de Freud, como situada numa matriz social na qual as intervenções parentais eram tidas como determinantes de todo o desenvolvimento posterior.

Dois anos de bolanhas da Guiné onde a frustração do absurdo se cruzou com a construção reflectida de tantos planos de mudança, fez-me mergulhar em sonhos de

viagem para mundos mais latos capazes de albergarem projectos desmedidos.

A América postulava-se na fantasia construída.

Nos meados do que foi o nosso século era, de facto, já patente a influência americana em toda a cultura europeia e, de um modo especial, nos domínios científicos.

A América de então precisava de acreditar na susceptibilidade infantil face a influência dos adultos.

Ao axioma freudiano da protecção parental juntavam-se os marcadores do liberalismo económico ávido de produzir jovens equilibrados totalmente empenhados na força do trabalho. Estava determinado o mote para uma produção científica inequivocamente virada para a fundamentação das relações significativas a estabelecer no período transaccional em que se gera o sentido de família.

A determinação para o estudo do desenvolvimento infantil capaz de demonstrar os efeitos daquele constructo linear, estava lançada.

Em pleno séc. XIX o diálogo entre a Renée e a Louise no romance de Balzac dava-nos o confronto de uma transição de duas épocas – a mulher ou era mundana e brilhava nos salões ou era mãe de família e reinava no lar.

Estava, então, criada a justificação para a maternidade identificada como ideal.

À teorização do valor da maternidade que a mística passou a incorporar, era necessário ajustar a exigência de uma fundamentação científica norteada para resultados assimiláveis em função das transições sucessivas de todo o desenvolvimento infantil.

Era, de facto, necessário fundamentar o probabilístico do absurdo a partir de metodologias cada vez mais exigentes e rigorosas.

Esta necessidade de uma leitura científica e desenvolvimentista foi-me muito legada por Maria de Lourdes Levy quando, no regresso da guerra, eu a acompanhava na inquietação de desvendar os mistérios da epilepsia infantil a que então nos dedicávamos.

As transições entre as várias formas de epilepsia mioclónicas nomeadamente as síndromes de West e de Lennox-Gestaut e até as próprias interrogações que a simples convulsão febril nos colocava exigiam uma leitura desenvolvimentista capaz de explicar os sucedâneos de padrões clínicos tão natural e proximamente reportados à maturação do sistema nervoso central.

Foi com este abstracto que, em 1972 parti para Edimburgo onde, no decorrer do Curso destinado à obtenção do grau de Member of the Royal College of Physicians (MRCP) tive ocasião de conhecer Ingram, Forfar e Brown, entre outros.

Lembro-me então do primeiro seminário a que assisti todo dedicado à avaliação em Desenvolvimento Infantil.

Lembro-me então do primeiro seminário a que assisti todo dedicado à avaliação em Desenvolvimento Infantil.

Brown trouxe para a sala bebés e crianças de várias idades e com cerca de uma dúzia de cubos coloridos mostrou os vários perfis de desempenhos e de competências infantis.

Até ao final da década de 70 não mais parei na minha formação pós-graduada em desenvolvimento e entre vários cursos, estágios e tempos de treino pude conviver com Mary Sheridan, Kenneth Holt e Dorothy Egan.

A consequência deste galope de descoberta foi, creio eu, inequívoca em Portugal.

Em 1975 fundámos a primeira Unidade de Desenvolvimento Infantil em Portugal, no Serviço de Pediatria do Hospital de Santa Maria e em 1976 surgia entre nós a primeira comunicação portuguesa, logo seguida pela primeira publicação em desenvolvimento – «Bases e determinantes do desenvolvimento infantil»<sup>(1)</sup>.

Esta avalanche de descobertas em Desenvolvimento Infantil passou a determinar, entretanto, uma outra ordem de exigência, quiçá uma outra necessidade de conhecimento. Foram, então, publicados os primeiros artigos sobre comportamento e, é então em 1976, que Marshall Klaus e John Kennell fazem sair a sua obra «Maternal-infant bonding» que marca, de facto, uma transição decisiva em toda a história da ciência do desenvolvimento humano<sup>(2)</sup>.

A mensagem de Klaus e Kennell é toda dirigida ao significado da filogenese e da ontogenese para caracterizar o que é determinante na espécie humana relativamente aos primeiros tempos de vida.

Vivemos cerca de nove anos no nicho ecológico mais perfeito da natureza em que tudo é regulado pela empatia e mediação dos nossos pais mesmo quando eles porventura não foram despertados para a realidade de que tudo o que fazem, melhor ou pior, tem efeitos irrepetíveis em cada um de nós.

Temos evoluído, desde há milhões de anos na senda da perfeição mas, no entanto, nascemos, em termos sociais, tão imaturos quanto significativos para os nossos parceiros preferenciais.

Apesar da espantosa adaptação que a evolução biológica condiciona, somos, porém, todos, prematuros sociais.

De facto, a nossa pelvis estreita foi alargando, até ao limite, os seus ligamentos e, concomitantemente, a cabeça dos nossos fetos foi-se tornando progressivamente mais elástica que a de todos os outros primatas mas, mesmo assim, os limites anatómicos obrigaram a nossa espécie a fazer com que o nascimento aconteça, logo, aos nove meses de gestação.

Para que pudesse ter havido uma maior maturidade social e motora a altura do parto, teria sido necessário

que a nossa espécie tivesse deixado de nascer por via vaginal o que seria, sem dúvida, a negação para a sua própria sobrevivência.

Porque nascemos imaturos em tantas dimensões do desenvolvimento e critica a necessidade de sermos logo aquecidos, protegidos, alimentados, enfim, amados.

Com Klaus e Kennell passámos a acreditar que é a poluição do nosso envolvimento afectivo que torna decisivo não se poder deixar cada destino individual à mercê do instinto, progressivamente mais poluído numa sociedade de stress que o Homem passou a identificar como progresso.

Com o que Harlow, Spitz e Bowlby nos legaram, passámos a ter a convicção científica de que a condição fundamental da nossa sobrevivência é a das nossas relações mais precoces.

Tudo isto como que preparou o meu primeiro encontro com Brazelton em 1979 quando do primeiro congresso da WAIPAD (World Association for Infant Psychiatry and Allied Disciplines) em Portugal.

Pude conhecer ao vivo, todos quantos só conhecia através dos escritos – Erikson, Kennell, Barnard – e, decisivamente, Brazelton e todos os seus colaboradores mais próximos.

A grande transição da história da Pediatria e, direi também, da Saúde Mental Infantil identificava-se com a transição mais significativa da minha vida científica, profissional e pessoal.

Para mim, aquilo a que chamo hoje «Nova Pediatria» nasceu, indubitavelmente, na aurora dos anos 80 com a expansão mundial da NBAS publicada sete anos antes nos tão conhecidos «Red Book» de Desenvolvimento<sup>(3)</sup>.

Que segredo, afinal, tem esta Escala (como lhe chamamos) para ter passado o maior teste de todas as descobertas – o tempo?

Antes do aparecimento da Escala, o conhecimento que havia sobre bebés era extremamente limitado.

Brazelton era e é o clínico mais astuto e atento que jamais conheci. Como tal ele apercebeu-se desde os seus primeiros tempos de cultor do desenvolvimento humano que o bebé, ele próprio, à semelhança dos seus pais, contribuía, também, enormemente, na comunicação interactiva.

Então, o primeiro objectivo nos estudos de Brazelton foi o de perceber como é que o bebé se organizava desde as primeiras horas de vida, no sentido de contribuir para a comunicação induzindo as próprias respostas e iniciativas parentais.

Foi claro para Berry Brzelton a noção do limiar de tolerância para os estímulos exteriores, sendo patente que alguns bebés, manifestamente desorganizados em função desta incapacidade de se controlarem, ficaram, claramente, a mercê do ambiente.

Berry começou a trabalhar a partir desta noção absorvendo tudo o que aparecia relacionado com esta competência extraordinária do recém-nascido que o fez capaz de filtrar, regular e auto-gerir o seu próprio comportamento atrás da modelação dos seus estádios de consciência.

Surgiu, então, no espírito inquieto de Berry esta extraordinária noção do melhor desempenho. Quer dizer, a Escala passou a incluir esta expressão tão significativa do comportamento do recém-nascido que traduz, de certo modo, o melhor desempenho do bebé face ao que é, no fundo, a permanente expectativa dos pais, no seu quotidiano interactivo.

Obtive fiabilidade na Escala em 1980 e dois anos depois, acontecia, em Portugal, a primeira tese de Doutoramento em Desenvolvimento Infantil expressa no que foi um dos primeiros estudos mundiais sobre os efeitos do contacto precoce mãe-bebé, efeitos esses traduzidos no comportamento infantil avaliado através da NBAS<sup>(4)</sup>.

Em Boston, descobri também como Amigos de sempre o Kevin Nugent que me treinou, o Ed Tronick, a Heidelize Als e o Barry Lester entre muitos outros.

Passei a perceber e a usar a Escala, tal como hoje, como uma filosofia de estar e descobrir o outro simbolizada na relação Pediatria – Criança – Família.

A grande transição viabilizada pela conceptualização de Brazelton centra-se na descoberta de que toda a actividade do bebé, todo o seu empenho em cada segundo dos seus primeiros tempos de vida visa a organização e o encontrar da melhor oportunidade para transaccionar sentimentos com quem lhe é mais significativo.

Passei a perceber que a clínica em Pediatria tem de representar o paradigma que a Escala inspira.

O desafio é o da disponibilidade dinâmica perante uma criança em que a motivação para a descoberta é, tão só, a da vontade de partir para uma viagem, sem preconceitos ou pressupostos no intuito de utilizar o que descobrimos ser inspiração e estratégia para a nossa intervenção junto dos pais.

A partilha com os pais desta nossa descoberta é o segredo do «click» atempado e personalizado que é decisivo para uma construção adequada de vínculos e de projectos.

O mistério que decorre do que afinal é uma avaliação neuro-comportamental completa identifica-se com a evidência natural de um binómio que é o das forças e vulnerabilidades de um bebé e, também, do dos seus pais que nos é dado descobrir e assimilar em termos de estratégia decisiva para uma intervenção clínica, objectivo, afinal, central da arte médica.

A transição de uma forma de pensar, viver e fazer Medicina, na minha vida tal como espero, na vida de

muitos, foi marcada por aquele «click» expresso na descoberta do bebé, paradigma afinal da descoberta de qualquer outro.

Em 1983 terá acontecido outra transição no pensamento dos profissionais de Saúde e Educação em Portugal. Realizámos o *Nascer e Depois* e, segundo cartas que ainda hoje guardo, a vida profissional de muitos – enfermeiros, psicólogos, pedo-psiquiatras, educadores, terapeutas e, naturalmente, pediatras – modificou-se por completo.

Deixem-me recordar-vos a primeira das conclusões deste Simpósio Internacional: *«A criança, desde a concepção, é um ser que precisa da atenção de uma equipa multidisciplinar que integre obstetras, pediatras, enfermeiros, psiquiatras, psicólogos, técnicos do serviço social, educadores e outros, que actuem numa perspectiva global e integrada do desenvolvimento infantil»*.

Nesta inspiração surgiu, com personalidade própria, a designação de Pediatria do Comportamento, reflectindo toda uma atenção decididamente voltada para os aspectos psicossociais, ecológicos e etológicos do bem-estar infantil e familiar.

A pouco e pouco, porventura ainda longe do que entendemos hoje como racional, a influência da Psiquiatria tão tradicionalmente ligada ao modelo patológico que porventura ainda presidiu à nossa formação médica, legou os seus pergaminhos à Saúde Mental já mais identificada com os pressupostos de outras disciplinas que, como a Pediatria, passaram a entender ser sua missão preferencial a prevenção e a intervenção baseada nos ecossistemas polivalentes da criança nas suas sucessivas transições desenvolvimentais e comportamentais.

Não será por acaso que a WAIPAD (World Association for Infant Psychiatry and Allied Disciplines) a que há pouco me referi passou, em 1993 a ter a designação WAIMH ou seja «World Association for Infant Mental Health».

Na década de 80, em todo o mundo, todos os profissionais envolvidos nas preocupações do bem-estar global da criança e da família, passaram a pautar as suas estratégias por um objectivo de potenciar e desenvolver, desde os primeiros tempos de vida, as capacidades e competências do bebé, nomeadamente através da facilitação dos mecanismos de vinculação, nomeadamente mediada por uma interacção mais adequada e contingente.

Estava lançada a filosofia da intervenção precoce.

Na base desta filosofia, estava, de facto, pressuposto o objectivo de intervir a favor de uma potenciação de desempenhos infantis, nomeadamente cognitivos, simultânea à tentativa de reduzir riscos comportamentais e, ainda, a promoção de mais resiliência, nomeadamente familiar.

Realizámos um dos dez primeiros trabalhos mundiais nesta área expressa por um estudo sobre uma intervenção feita a mães de condição sócio-educativa vulnerável, no terceiro dia de vida dos seus filhos <sup>(5)</sup>.

A intervenção precoce representa ainda hoje um modelo que se identifica com uma transição histórica em termos de entendimento do que é a trajectória do desenvolvimento humano.

Na senda desta corrente que tanto influenciou e influencia modos de pensar e de agir de todos os técnicos e profissionais que se formaram nestas duas últimas décadas, nesta senda, dizia, fizémos em Lisboa o «Olá Bebé!» (1985) e cinco anos depois (em 1990) o Bebé XXI.

A transição influenciada em muitos espíritos pelo «Bebé XXI» só, a título de exemplo, é explicada de modo muito especial por Maria de Jesus Barroso – «*O Bebé XXI modificou a minha forma de estar e de intervir em função do que aprendi, então, sobre o bebé; gostava agora de ser mãe outra vez...*».

O mito determinista da influência da experiência precoce estava definitivamente lançado e, direi, era comungado por todos os pressupostos de três fundamentações teóricas, porventura inequívocas.

A primeira correspondia ao pressuposto de que o desenvolvimento infantil é um processo dinâmico e complexo determinado por múltiplos factores que fazem parte do ecossistema de cada criança.

A segunda baseava-se nos avanços científicos da Neurociência demonstrativos de que a experiência precoce tem efeitos directos no desenvolvimento cerebral, nomeadamente ao nível da multiplicação neuronal e dendrítica.

A terceira fundamentação apoiava-se nos constructos da vinculação nomeadamente no pressuposto transaccional de que as primeiras experiências interpessoais influenciam os processos de auto-estima e de construção do sentido de coerência de cada criança e de cada família.

Porém, apesar destas evidências, noutra transição da postura científica, nomeadamente crítica face ao ideário a que nos tínhamos dedicado, quase em exclusividade durante mais de vinte anos, tivemos que passar a reconhecer que não é totalmente válida a noção de continuidade em desenvolvimento supostamente garantida pelo potencial da experiência precoce. A continuidade do desenvolvimento individual será, provavelmente, uma função de uma continuidade ambiental resultante dos efeitos cumulativos de todas as transições e transacções da cadeia relacional em cada fase do ciclo de vida, sendo por demais significativa, naturalmente, à experiência relacional dos primeiros tempos de vida.

Entre outras variáveis potencialmente influentes ao longo do ciclo da vida, o contexto relacional em cada

ecossistema que sucessivamente vamos habitando tem, a meu ver, a maior transcendência.

Influenciou significativamente uma outra transição muito especial no meu modo de ver a criança, a Pediatria e, sobretudo, o desenvolvimento, o que aprendi com o meu também muito especial amigo Urie Bronfenbrenner.

Seduz-me, como resposta às minhas constantes dúvidas, o seu modelo designado por Urie como «P.P.C.T.» e que é, afinal, uma tentativa extremamente inteligente para equacionar o desenvolvimento ecológico através do espaço e do tempo.

Esta designação – P.P.C.T. – representa as iniciais de «Processo, Pessoa, Contexto e Tempo, componentes obrigatórias da fenomenologia relacional que se cumpre na trajectória de cada indivíduo nas suas transacções contínuas que se processam entre os seus sistemas interiores e os seus ecossistemas, fundamentalmente constituídos por pessoas, objectos e símbolos.

O pressuposto deste modelo é o de que é na dinâmica do ciclo de vida, isto é, em função do espaço e do tempo que se devem entender os fenómenos ou seja os Processos de cada pessoa, nomeadamente em termos da sua saúde global.

Será neste contexto que recusamos liminarmente dividir saúde, designadamente mental.

Já o afirmei nos fora internacionais – a WAIMH («World Association for Infant Mental Health») – terá novamente de mudar de sigla noutra transição do modelo que tem de operar nas mentes de quem é responsável pela criança, responsabilidade essa assumida em função da totalidades das suas dimensões desenvolvimentais e comportamentais.

Foi de certo modo inspirado neste novo modelo que trouxemos, de novo, a Portugal muitos dos grandes pensadores do desenvolvimento humano para um diálogo alargado sobre uma das questões que mais nos afligia e aflige em função das crianças, dos jovens e das famílias. Refiro-me ao stress e à violência na sociedade e sobretudo nas relações, com influência directa e quase sempre anónima e desapercibida na criança sobretudo quando é bebé.

Fizémos o «Stress e Violência» em 1995 e, nesta oportunidade, com cerca de vinte dos mais consagrados investigadores do desenvolvimento humano, elaborámos a Declaração de Lisboa de que me permito, tão só, por agora, de visitar a sua Recomendação n.º 1: «*As famílias devem ser ajudadas a reconhecer que constituem a fonte primária de amor e apoio e que são também responsáveis pela criação das forças interiores de que a criança necessita para se tornar resiliente face ao stress*».

A cadeia de mãos dadas com que terminou o «Stress e Violência» em Lisboa ilustra a força que hoje tem

o estudo e a clínica do desenvolvimento infantil, em Portugal.

Perguntar-se-á se já estou satisfeito com as transições operadas em função das transacções do pensamento correspondentes à evolução científica com que somos diariamente desafiados, em termo de desenvolvimento humano.

A minha resposta é não.

Os resultados dos nossos últimos estudos e a reflexão que temos comungado com Schaffer, Rutter, Kagan, Brazelton e outros, nestes últimos cinco anos, empurraram-me para outra transição, porventura na fase mais reflexiva da minha vida.

Talvez a minha inteligência se tenha tornado cada vez mais emocional e, em função disso, mais preocupada com as «forças interiores» de que fala a primeira recomendação da Declaração de Lisboa.

Tem-nos seduzido a demonstração de que a criança é influenciada prioritariamente pelas diferenças ou melhor, pelas discrepâncias nas suas experiências quotidianas.

A grande vantagem evolucionista da nossa espécie é a capacidade de distinguir entre o que é percebido e o ideal construído, porventura relacionado com o objecto sujeito à própria percepção.

Não será talvez o que se passa numa creche o mais significativo para a criança mas sim, porventura, o como ela interpreta o que se passa, o porquê de lá estar e, eventualmente, o modo como lê as desadequações, nomeadamente entre os afectos e os valores vivenciados na casa e na creche.

Estou hoje em crer que é a interpretação subjectiva das suas sucessivas experiências o que constitui o substracto fundamental do binómio forças/vulnerabilidades em cada criança e, assim, o que faz a diferença em desenvolvimento.

É baseados na crença desta transição no nosso entendimento que construímos o desenho do nosso mais recente projecto de investigação em que procurámos estudar como é que adolescentes tóxico-dependentes e

adolescentes sem comportamentos de adição interpretam as discrepâncias observadas quando são confrontados com um vídeo constituído por observações neuro-comportamentais feitas em dois bebés – um filho de uma mãe tóxico-dependente e outro filho de uma mãe aparentemente designada como sem risco.

Não temos outros pressupostos para além dos que fundamentam a nossa transição intelectual.

Poderá, se se quiser, ser, tão só, mais uma tentativa de ajudar a descobrir o que é a interpretação da discrepância, porventura paradigma nos comportamentos de adição. Apesar do enorme progresso científico, a nossa realidade ainda é a dúvida... e, provavelmente, apetece-me acreditar que o rei da história que eu contei terá dado razão à síntese dos seus sábios.

Se puder resumir o que sinto neste exercício de reflexão, direi então que, provavelmente, o que me dá prazer na vida, para além dos factos e das circunstâncias é o de transaccionar segredos ou mistérios na ingénua convicção de que, ao fazê-lo, estou a arranjar balanço para novas transições do espírito e, com elas, conquistar a sublime ilusão de que sou feliz.

#### Bibliografia

1. Gomes-Pedro J, Lobo Fernandes M J, Valido A. Algumas reflexões sobre Pediatria do Desenvolvimento. *Monografia do IX Curso de Actualização e Aperfeiçoamento em Pediatria* 1977; 125-31.
2. Klaus M H, Kennell J. *Maternal infant bonding*. Saint Louis: Mosby, 1976.
3. Brazelton T B. *Neonatal Behavioral Assessment Scale*. Clinics in Developmental Medicine, No 50 London: William Heinemann Medical Books, 1973.
4. Gomes-Pedro J, Bento Almeida J, Silveira Costa C, Barbosa A. Influence of early mother-infant contact on dyadic behaviour during the first month of life. *Dev Med Child Neurol*, 1984; 26: 657-64.
5. Gomes-Pedro J, Patrício M, Carvalho A, Goldschmidt T, Torgal-Garcia F, Monteiro M B. Early Intervention with Portuguese Mothers: A 2-Year Follow up. *J Dev Behavioural Pediatr*. 1995; 16: 21-8.